



GT 014. Antropologia das Emoções

Maria Claudia Pereira Coelho (ICS/UERJ) -
 Coordenador/a, Ceres Victora (UFRGS) -
 Coordenador/a, Eduardo Moura Pereira Oliveira
 (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -
 Debatedor/a, Raphael Bispo dos Santos (UFJF) -
 Debatedor/a, Iara Beleli (Núcleo de estudos de
 Gênero - Pagu/UNICAMP) - Debatedor/a

A antropologia das emoções vem se consolidando como área autônoma no Brasil há cerca de vinte anos. Ao longo desse percurso, podemos identificar um conjunto de temáticas agrupadas em torno de dois eixos principais: as temáticas ligadas a áreas da vida associadas à dimensão "privada" e as temáticas vinculadas ao "mundo público". Para as primeiras, podemos arrolar problemas de pesquisa ligados ao corpo, à sexualidade ou a saúde/doença; para as segundas, listamos os movimentos sociais, a violência ou os universos profissionais/institucionais. Esse Grupo de Trabalho tem como proposta avançar na superação dessa dicotomia, incluindo em seus focos de interesse, ao lado do elenco já canônico de temáticas passíveis de abordagem pela antropologia das emoções, novos problemas concebidos sob a égide da reflexão sobre essa dicotomia. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções e instituições/práticas estatais; b) emoções e políticas públicas; c) emoções, moral e formas do cuidado; d) emoções, violência e vitimização; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) corpo, sensorialidade e emoções; h) emoções, gênero e sexualidade; i) emoções e experiências de saúde/doença.

Público, privado e íntimo na busca de parceiros nas mídias digitais

Autoria: Iara Beleli

Em contraste com a era das mídias de massa (rádio e TV), desde a popularização da internet no início do século XXI, as mídias digitais tem permitido a criação de conteúdos de maneira horizontalizada. Baseada em uma investigação em sites de relacionamento e aplicativos direcionados à busca de parcerias afetivas/amorosas/sexuais, privilegiando mulheres heterossexuais entre 30 e 50 anos que vivem no Estado de São Paulo. Em diálogo com as teorias feministas e de gênero, proponho uma reflexão sobre se, e como, a hiper-exposição nas redes sociais (re)configura noções de público, privado e íntimo, prestando particular atenção na circulação de diversas moralidades. As moralidades parecem atreladas à articulação de diferenças marcadas no corpo: gênero, sexualidade, raça/etnia, localização, entre outras e, nesse jogo lúdico, norteiam as imaginações e emoções da escolha do par "perfeito". Se o filtro para escolher um homem que tenha capital social, cultural e econômico restringe a busca ante a abundância de possíveis parceiros, neste momento de intenso debate sobre as eleições entram em jogo percepções políticas e ideológicas, afunilando ainda mais a escolha de alguém para apenas iniciar uma interação, obstaculizando o provável encontro face a face.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

